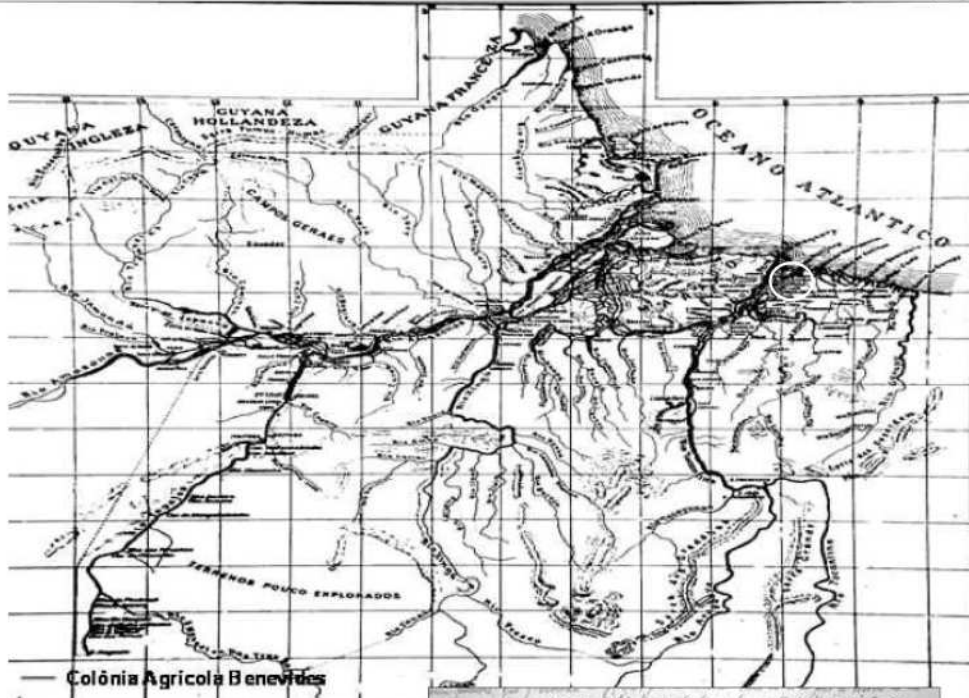


HISTÓRIA

Reproduções

Renato Grandelle



Um inferno francês na Amazônia

Drama pouco conhecido de colonos europeus do século XIX mostra descaminhos do povoamento da região



NO TOPO, mapa do Pará do século XIX, com a colônia Benevides destacada no canto superior direito. Abaixo, uma ocupação cearense nos arredores de Belém

Solo fértil, lotes demarcados e prontos para o cultivo, abrigo acolhedor patrocinado pelo governo, fácil acesso a uma estrada de ferro que leva a Belém. No papel, a colônia paraense de Benevides era um paraíso. E assim ela foi divulgada em diversos jornais europeus, fazendo sonhar camponeses oprimidos com a mecanização de seu trabalho. O mercado rural minguava no Velho Mundo, e as cidades não conseguiam absorver as multidões de desocupados. A Amazônia parecia um bilhete premiado. Só parecia.

Os 800 europeus — a maioria franceses — que chegaram a Benevides em apenas cinco anos viram como a realidade era diferente da floreada pela propaganda paraense. A lista de apertos e privações estendia-se da viagem ao Brasil (em navios lentos, superlotados e insalubres) a uma série de disputas contra cearenses pelas melhores terras. A Comissão de Colonização, responsável por trazer os estrangeiros, construiu apenas um barracão para recebê-los, pequeno e sem privacidade. E os tais lotes limpos eram nada menos que ficção: em vez de terrenos dispostos a receber sementes, o que havia era mata virgem e densa. Resgatada por uma tese de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense (UFF), a história de Benevides conta muito sobre o conturbado processo de ocupação da Amazônia.

— Foi uma experiência marcada pelo imprevisto e frustração — explica Francivaldo Nunes, professor de História da Universidade Federal do Pará e autor da dissertação "A semente da colonização: um estudo sobre a colônia agrícola Benevides". — Criou-se uma propaganda que alimentava toda uma expectativa no europeu de que ele teria espaço para cultivar, seria dono da terra, prosperaria economicamente. No entanto, quando chegava à região, encontrava condições totalmente adversas, onde precisava enfrentar a floresta, construir casas e área de plantio, articular com a cidade para vender seu produto. Foi uma luta intensa pela sobrevivência. Os colonos que resistiram merecem ser lembrados.

Forte discurso anti-indígena

• Benevides foi concebida amparada em um preconceito: a ideia de que a região só seria próspera e civilizada se recebesse imigrantes europeus. Os índios que habitavam as cercanias de Belém eram tidos como primitivos e individualistas, por usarem técnicas rudimentares na agricultura — herdadas pelos colonos locais — e produzirem apenas o suficiente para sua subsistência.

A partir da década de 1850, o Pará recebeu, por iniciativa de empresários, algumas famílias de portugueses e italianos. Seu bom desempenho impressionou os líderes políticos da província.

— Essa experiência inspirou o governo do Pará a criar, com investimentos do Império, a colônia de Benevides, em 1875 — conta Nunes.

Além de erguer a infraestrutura que receberia o colono, era fundamental, também, atraí-lo para o país. E arrematar imigrantes era, sobretudo, uma tarefa política.

Os ouvidos europeus eram suscetíveis ao discurso de recuperar a vida no Brasil. Mas, não importa a região que ambicionavam ocupar, todos tinham como primeiro destino a capital do Império. De lá, o governo despachava os pais-alfora. Recebia mais colonos quem tinha maior trânsito entre as autoridades federais. Era o caso de Francisco Maria de Sá e Benevides, herdeiro do governador-geral Mem de Sá e presidente da província do Pará. Benevides conseguiu levar para seus domínios até europeus que não

queriam ir para o Norte brasileiro.

— Só a viagem do Rio ao Pará durava dois meses — ressalta Nunes. — Mas o sonho de Benevides em revolucionar a agricultura não durou muito. Quando viram as condições em que deveriam trabalhar, os europeus fizeram seu descontentamento atravessar fronteiras. Houve uma época em que os imigrantes, ainda no barco a caminho do Brasil, diziam que sob hipótese alguma morariam no Pará.

Os colonos pioneiros, desavisados, suaram a camisa para tornar a região minimamente habitável. Dada a exuberância da Amazônia, o governo teria de gastar fortunas para contratar trabalhadores que pusessem abaixo aquelas árvores gigantes. Esta missão, portanto, foi empurrada aos imigrantes. Como enxadas e terças, os instrumentos básicos para empreender a devastação, eram escassos, os franceses precisavam dividir-se em grupos para se rezevarem no uso das ferramentas.

A floresta era uma inimiga praticamente imbatível. Para derrubar a vegetação, era preciso queimá-la. Só é possível atear fogo

AO LADO e acima, derrubadas para cultivo de cana-de-açúcar no nordeste do Pará, ainda no século XIX. A cultura da planta era desconhecida pelos europeus de Benevides



Foi uma luta intensa pela sobrevivência. Os colonos que resistiram merecem ser lembrados

Francivaldo Nunes, professor de História da UFPA

após um período de seca — uma situação nada familiar aquela região.

— Benevides era chuvosa. Tanto assim que, muitas vezes, o colono não conseguia começar o plantio em seis meses, tempo em que ele recebia um auxílio financeiro do governo — assinala Nunes. — As sementes também costumavam demorar muito para chegar. E os franceses, acostumados a outro clima, não sabiam que culturas agrícolas exploradas naquela terra. Muitos desistiram diante das dificuldades e fugiram com os recursos que lhes foram repassados pela província.

O contato com a mata fechada não fez bem a muitos trabalhadores. Houve vários registros de febres do mau caráter. Os enfermos registravam sintomas como elevação da temperatura corporal, dores e calafrios. Além disso, somente no primeiro ano de existência da Benevides, nove colonos foram atacados por oncas.

Quando a natureza já tornava-se um perigo razoavelmente domado, em 1877, outro adversário dos franceses estabeleceu-se em Benevides. Cearenses, expulsos de seu estado

por uma forte seca, triplicaram a população da colônia em dois anos. Houve tanto estranhamento entre os dois grupos que o governo da província criou uma subdelegacia de polícia para cuidar dos impasses.

A disputa por terra indispos os cearenses e franceses, mas a falta de dinheiro os uniu. Quando o governo anunciou que não daria mais auxílio financeiro aos novos habitantes, viu 700 revoltosos, de todas as origens, prenderem o diretor da colônia e ameaçarem ocupar o palácio provincial em Belém.

Benevides permaneceu com o título de colônia até 1900, quando uma reestruturação de comarcas do Pará a fez ser promovida a município.

— Há, na cidade, um certo orgulho pela origem francesa. Houve uma regularização fundiária e os agricultores receberam títulos definitivos de terra. Antes esses documentos eram provisórios e precisavam ser renovados a cada cinco anos — destaca Nunes.

Para uma colonização marcada por tantos entraves, Benevides tem mesmo o que celebrar. ■